

SEMESTRE.....	5\$00
TRIMESTRE.....	2\$50
NUMERO AVULSO.....	\$20

RONDA

A LUIZ MURAT

Dentro do coração eu sinto uma patrulha
que ronda noite e dia, ininterruptamente.
...E o bando de espiões a fazer tanta bulha!
Tanta angustia mordendo o coração doente!

Esta ronda sinistra, esta ronda maldicta
nem permite que eu durma o derradeiro somno...
E o grilheta que suba os degráos desse throno,
onde a paz reina, e donde a guerra foi proscripta!...

Torva ronda que espreita o coração enfermo.
Si elle adormece, presto, a ronda grita—ALERTA!
E busque o condemnado á lucta pôr um termo,
...si a prisão nunca teve uma janella aberta!...

Ah como illude a vida! E como illude o mundo!
Eu julgava, sorvendo o hydromel da ventura,
que nos dias fataes, nos estos da tortura,
consentissem dormir o pobre moribundo...

E eu julgava que após a tempestade austera
da Dôr, que minha fronte em firmes tons registra,
exhausto o coração, a patrulha sinistra
me offertasse da Paz a eterna primavera...

.. Mas não! Ha tanto já, esta alma doentia
no seo tredo covil soluça enclausurada.
Si geme, a ronda corre, e attenta... e escuta... e espia...
—E esta alma infeliz sempre sobresaltada!

Vós todos que soffreis, ó victimas do amor,
Almas castas que andaes por esse mundo errantes,
vestustos corações, dizei-me vós si d'antes
era tão bruta e vil a patrulha da Dôr!

Tenho odio de ti! como te odeio, ó guarda!
Guarda rubra, infernal, vigia da Desgraça!
Porque cercas assim a misera mansarda,
como exercito audaz sitiando uma praça?

Quero ser livre, quero a paz, quero o descanso;
quero morrer cantando uma doce canção.
Ronda, não faças bulha, o velho coração
expira lento e lento, e canta manso e manso...

—Porque tanto penar? porque tanto soffrer?
Dona Morte, bom dia, ó minha velha amiga!
Quero o teu seio, quero em teos braços morrer
numa explosão de amor, á guisa de Arte Antiga l.,

Quero beijar-te, quero, insinuante carcassa,
sentir, soffrer teu beijo esplendido e mortal.
Bemdicta sejas tu, livra-me deste mal,
desta ronda tenaz que a minh'alma devassa!

...Mesmo assim, dentro em mim rasteja uma patrulha,
que ronda noite e dia—ininterruptamente.
...E o bando de espiões a fazer tanta bulha!
Tanta angustia mordendo o coração doente!

Domingos Nascimento

SILHUETAS

Senhorita A. A.

Rosa crême em botão. Pequenita e elegante, ainda na meia sombra da infancia que dá para a clareira da mocidade, poderia figurar, como flôr da moda, muito tenra e linda, na *boutonnière* talhada a capricho de um cavalheiro de bom gosto.

D'entre as estrellas que fulguram no constellario da *Página*, ella vae ser a mais nova pela idade, a mais acariciada pela singeleza e meiguice, e por isso mesmo a mais fulgurante.

E' uma perola da infancia que se despede das suas companheiras de bonecas e entra hoje, magestosa e bella, no portico solemne que abre para a alvorada clarinante da mocidade.

Ha dias, sorprendendo-nos a todos, alegrémente, apparecendo em publico, victoriosa, no meio de uma salva de palmas,—de vestido comprido!...

Bravissimo!

Toda de branco, airosa e altiva, perfumada como uma flôr de laranja, ella appareceu em meio da festa pela mão de um artista de fama, tão leve, tão ideal, numa aivura de neve e num andar de garça tão sorprendentes, que semelhava uma appareção irradiante de Walkyria, rodeada de nevoas, junto a uma festa fantastica inundada de luzes, de flôres, de ruidosas aclamações.

Fôra uma surpresa magnifica. Leve *frisson* de enthusiasmo e de prazer percorreo, fibra a fibra, o corpo e a alma de uma multidão deita, que fôra ao theatro levar uma esmola ao Asylo de Orphãs.

O chefe do Estado Catharinense, num esforço sympathico, havia attrahido a graça das almas nobres para aquella festa de caridade. Dois grandes artistas, nossos hospedes, imprimiam uma nota sincera e digna áquelle serão esthesiaco, arrancando applausos.

Foi quando a emocial senhorita, uma miniatura de moça, surgiu repentinamente junto á frisa, recebeu o violino e o arco, passeiou seó olhar doce e meigo de ingenua sobre a platéa, pelos camarotes—lá no fundo estava a familia, dominada por sensações extranhas de susto, de prazer, de duvidas, de incertezas pelo successo da gauchita,—e ella muito senhora de si, como quem abandonou os brincos infantis para só namorar o seó rico violino... zut!—ferio a primeira nota do *Rigoletto*, e mais outra, e mais outra ainda, e depois suavissimos accordes, vivissimos allegros, variadissimas combinações de harmonia, todo esse conjunto de sensações rythmicas que adormecem, que despertam, que irritam, que sensibilizam a alma artistica, que dominam uma multidão de assistentes—pasmos todos da magia vibrada por aquellas cordas sensacionaes que ora fazem sonhar, ora fazem viver, tangidas por pequeninos dedos rosados.

Era uma revelação esthetica de causar o mais franco delirio. Parabens! Magnifico!

Eis ahi como uma criança de talento, rosa crême em botão, faz a sua entrada solemne, victoriosa e esplendida, neste templo de Arte!

CELIO JUNIOR

PRIMICIAS D'ALMA

.E..!

Auras que perpassaes, oh Sylphides suaves,
E que, desde a violeta á liral cecém,
Daes osculos de amor, doces arminhos de aves,
Beijae, beijae tambem
A'quella de meos Sonhos candida donzella,
E que, sendo a rainha, é mais que as flores bella.

A' essas revelae o que Eolo vos confiou
N'um demorado beijo;
Porem sede piedosas, n'esse mesmo ensejo,
Dizei-lhe que ficou
Um cardo a meditar,
O cardo da incerteza, que em minh'alma medra,
Assim como na pedra
Vegeta a esquiua flôr vivendo só de amar.

Ungi-vos de perfumes, bálsamos do Oriente,
Caricias de velludo,
E as faces d'Ella então buscae mui docemente,
Deixando-lhe em segredo,
Baixinho, quasi a medo,
O beijo de minh'alma, o triste cardo mudo.

Mudo porque é isolado e triste porque é só,
Assim como a tristeza,
A tristeza de um Job,
De um Job que não murmura e soffre sem defeza.

Meo elmo de combate e a espada que empunhei
Nas luctas contra Amor,
Quebrados foram já, vencido me humilhei
Cobardemente só, assim como um trahidor.

E agora, oh musa amada, em galas, busca a palma
Florida que formaste ao céo roubando estrellas.
E off'rece d'entre as bellas
A'quella que é a maior, Sultana de minh'alma!

GONÇALVES FERR7

AS POMBAS (*)

Vinde, vinde á mim, oh brancas pombas que me buscaes!

Pousai mansamente n'essas mãos que vos offereço, pousai nos meus hombros, sacudi os meos cabellos com vossos biquinhos rosados.

Quero amimar-vos muito porque, como eu, sois muito amorosas; quero-vos muito, porque tambem como os vossos bandos ao ar, os meos sonhos vôam, vôam, buscando as mãos, as faces e os cabellos da Madona de meos altares.

Sim, vinde a mim. Envolvei-me para que eu sinta o suave calôr de vossas asinhas, ouvindo em extase o delicioso arrulho de vossos amores venturosos.

Ah! Pudesse eu, como vós, voar pelos sitios amenos, per sobre a cola crespada e variegada das florestas ainda virgens, em par com Ella, longe, para bem longe, onde não echoasse o prurido das ambições terrenas!

Pudesse eu, como vós, ter um ninho ditoso onde, de volta as excursões aos prados e aos pomares, encontrasse as blandicias que vos enthesouraram as amantes e fieis companheiras!

Mas... ah, pobres amigas de minh'alma! vós tambem tendes soffrimentos, vós tambem choraeis, vós choraeis as vezes, como o meo coração.

Tendes momentos de angustias.

Sois victimas de milhafres traiçoeiros, garras aduncas roubando despoiticamente vossos amantes temerarios e indefensos.

* *

Como vós, os meos sonhos partem do coração, ditosos e perfumados, futurando venturas ineffaveis, e muita vez voltam de luto.

O milhafre da Duvida m'os rapina, esboroando minhas illusões e esperanças, tão faceis de serem esmagadas como vós outras.

Voae, avesinhas ternas, voae mansamente, meigas companheiras; e, quando encontrardes a Madona de meo Sacratio, acariciai-a, sacudi os seus negros cabellos com os vossos biquinhos de coral para que Ella tambem vos receba com amor.

Depois vinde, vinde em alegre revoada até mim, trazendo a essencia embriagadora, o caricioso perfume que d'Ella houverdes, e que Ella, beijando-vos, ignore á quem ides levar o trescalante fluido.

* *

Vinde, vinde a mim, oh brancas pombas que me buscaes; pousae mansamente nas mãos que vos estendo, pousae nos meus hombros, escuta a historia de meos amores, e depois voai, voai, referindo-a a s bosques ciciando-a aos murmuros regatos e cochichando-a ás flores mais felizes que eu que não consigo o seo contacto.

VEIGA JUNIOR

(*) Paraphrase de um soneto de Raymundo Corrêa.

TRISTE RECORDAÇÃO

Eram oito horas da noite quando o Monteiro, rapaz de talento e cheio de aspirações, convidou-me para uma patuscada por elle organisaada e que devia ter logar no dia seguinte em uma aprazivel ilha do Rio Grande.

Agradei o amavel convite, desculpando-me por não poder fazer parte de semelhante diversão.

—Não posso dispensar-te, respondeu me elle, pois, estou com tudo arranjado e demais garanti aos outros companheiros que tambem fazias parte da comitiva. Deante de tamanha insistencia não relutei mais e depois de tomar informações de tudo, despedi-me do meu amigo, que satisfeitissimo apertou-me a mão, dizendo—*demain matin* no caes da Gloria. No outro dia, aos primeiros clarões da aurora, dirigi-me ao sitio indicado, onde encontrei um bote tripulado por cinco valentes rapazes, que empunhavam cada um, o seu remo.

Tomei posição no logar indicado pelo remo abandonado.

A' voz do director da expedição, os seis remos mergulharam a um tempo n'agua, dando ao barco energicos impulsos.

O mar estava calmo, não apresentava na superficie uma unica ruga em toda a sua extensão, o que permittia vermos magnificos panoramas, embelezados pelos primeiros raios do sol que vinha despontando no horizonte.

Assim seguiamos na melhor ordem, sempre embalados pelos vigorosos impulsos dos remos, até que um abrazador sol de Fevereiro, veio surprehender-nos em meio da viagem. Lutamos energicamente com o mais poderoso dos elementos, até o termo de nossa jornada.

Ahi chegando, desembarcamos lestos, procurando cada qual desempenhar a sua missão do melhor modo possivel.

Uns encarregaram-se de apparellhar as rêdes para a pesca, outros tratavam dos succulentos assados, que com pericia eram collocados em espetos pe pão. Houve um momento de descanso, quando o sol no auge de sua potencia, nos enviava os seus raios coriscantes que pareciam querer tudo destruir.

Sentindo-me nessa occasião ligeiramente incommodado, fiz sciente aos meus companheiros que ia descansar n'uma magnifica sombra que distava d'alli alguns passos.

Adormeci pouco depois e assim continuaria si não fosse a apparição brusca de um companheiro, que em altas exclamações e soluços interrompeu-me o tão reparador somno. Aturdido, sem saber o motivo de tamanho desespero, procurei interroal-o.

—Uma catastrophe, uma desgraça, meu amigo,—eu e o Monteiro fizemo-nos ao largo e sem a menor cautela abandonamos o bote, no intuito de tomarmos banho.

—O bote foi se distanciando, levado pela forte correnteza que então reinava e parecia uma imprudencia não retomarmol-o novamente.

—Ponderei ao infortunado amigo o meu desejo e como elle respondeu-me ser um bom nadador para temer tão pequena travessia, dirigime á embarcação.

—Ainda não tinha tomado do remo, quando vi o meu amigo debater-se n'agua e gritar que o salvassem de uma terrivel câimbra que lhe havia accommettido.

—Tentei em vão aproar o bote para aquelle lado, fiz esforços sobre-humanos para salvá-lo, não conseguindo n'ais do que permanecer em remoinho na mesma posição.

—Ainda n'um supremo e ultimo esforço, vi-o acenar-me com a mão, desaparecendo pouco depois no vasto seio das aguas.

Então, rapido como o caso exigia, dirigime á praia e depois de tomar informações do logar da submersão, lancei-me n'agua com esperança de salvar tão preciosa existencia. Tres vezes desapareci, procurando avistar o corpo do meu amigo; porem breve desanimei, reconhecendo o estado turvo em que se achavam as aguas, impellidas pela forte correnteza.

Acudiram diversos moradores daquella paragem, procurando pescar de suas canoas o nosso presado amigo.

Já o astro-rei ameaçava desaparecer, quando um pescador chamou a attenção dos outros, dizendo que o seu anzol tinha fígado um corpo movel e que lhe parecia ser o do inditoso moço. O pescador foi erguendo a linha com todo o cuidado e com grande surpresa vimos apparecer uma mão, presa ao anzol pela ponta de um dedo e logo depois o corpo tão anciosamente desejado. Immediatamente procuramos todos os recursos para reanimar aquelle corpo que jazia alli prostrado e só quando a evidencia da morte se nos afigurou pitente foi que a tristeza e o desanimo nos envolveram n'um quadro negro de dôr.

Silenciosos, abatidos por tão deploravel infortunio, dirigimo-nos á casa da familia do pranteado companheiro e ahi depositamos-o sem vida no seio d'aquelles que com lagrimas nos olhos beijavam-lhe as faces, descoradas pela morte.

Quadro desolador, impossivel de descrever-se, foi o que então presenciamos, n'aquella noite lugubre e cheia de amarguras!

E assim finou-se tão pura alma e cheia das mais bellas aspirações, deixando em nossos corações eterna saudade.

E. TEIXEIRA

NOTAS

O festival levado a effeito em beneficio do Asylo de Orphãos e patrocinado pelo illustre chefe do Estado catharinense, sr. dr. Schmidt, foi o facto mais importante da semana.

Esta festa despertou geraes sympathias, quer pela belleza do programma, quer pela nobreza dos seus fins. Preparar asylo para os desherdados do lar é preparar para nobilitar os sentimentos de uma geração que se renova. O «Alvaro de Carvalho» teve uma enchente magistral, e os artistas e amadores que foram executar o programma da festa, variadissimo e attrahente, devem estar satisfeitissimos pelos applausos que receberam do publico.

Que um dia os nossos futuros cidadãos e as nossas futuras mães de familias que alli tiverem recebido na infancia os primeiros carinhos e os primeiros clarões de educação, saibam abençoar a geração catharinense que hoje trabalha para que o futuro edificio seja mais um marco da nossa civilisação.

Os notaveis artistas, tenor Nascimento e pianista Guimarães deram á festa a nota magistral dos seus raros talentos; os distinctos amadores Horacio Nunes, Araujo Coutinho, D. Virginia Coutinho, Augusto Pires e Gentil Tourinho, revelaram gosto aprimorado pelo theatro, desempenhando uma excellente comedia, com muita graça e muita observação de costumes; bem assim os dois ultimos recitando com facilidade bonitas poesias, uma de causar emoção e outra hilaridade.

A nota mais sensacional da festa caritativa foi a presença da deliciosa senhorita Aracy Alvim, revelando grandes dotes intellectuaes e emocionaes para a musica.

Tomando o violino, executou com a maior precisão e energia a fantasia de Singacée sobre o *Rigoletto*, arrancando entusiasticos applausos.

A *Pagina*, por um dos seus redactores, levou os seus parabens ao illustre progenitor da elegante e intelligente senhorita.

Trechos de Godefrói, Vianna da Motta, Liszt, Donizetti, Verdi, Alvarez e Keil foram executados, ao canto e ao piano, com a mais correcta maestria pelos dois grandes artistas, nossos hospedes.

O que, porém, mais assombrou pela sua execução magistral foi a grande phantasia sobre o hymno brasileiro, de Gotschalk, onde o sympathico pianista Carlos Guimarães revelou toda a força de seu talento musical.

Carlos Guimarães é um modesto; mas o que elle vale como pianista, que o diga a imprensa européa, com especialidade o *Times*.

Não será nos limites acanhados de uma chronica escripta de zofogadilho e poupando phrases para vencer o estreito espaço desta revista, que se poderá dizer com desembaraço quanto vale o eminente artista brasileiro.

Olá! sr. Inverno de massadas! Então com que se resolve deitar o capuz sobre a janella do tempo!

Oh que delicia esta temperatura! Não o frio rijo e glacial, mas o inverno a 16 graus centigrados—que surpresa!

Vê lá amigo se enregelas a Peste e nos poupas essa visita incorrigivel. Bombons, sim; mas bubons—livra!

Vivatio Paulo! Os boers fizeram da boa: convidaram os inglezes a entrar... e fecharam a porta!

E agora vereis:—peu meo,ombo teo, toma tu, que te dou eu...

A victoria ingleza se á uma prebenda de máo gosto, um osso difficil de rôer.

LEO-LINO